

O seqüestro de Pêrsio Arida

87

MIRO TEIXEIRA

Também quero me incorporar à onda privatista brasileira e sugerir que comecemos, desde logo, pela privatização de alguns homens públicos que consideram perfeitamente normal que seus interesses e necessidades sejam supridos pelos recursos públicos desviados dos analfabetos, famintos, desempregados e desvalidos deste nosso país.

Começemos por privatizar os senadores que confundem obstrução com chantagem, comprometendo a compreensão do instrumento que tanto serve às minorias nas acaloradas sessões em que são discutidos princípios doutrinários ou programáticos.

Condicionar a aprovação de Pêrsio Arida para o Banco Central, no Senado, à aprovação pela Câmara dos Deputados, do projeto de anistia aos que mau uso fizeram dos serviços da gráfica daquela casa é impatriótico.

Se a pena de Lucena é desproporcional ao delito cometido, esta é uma falha da lei, que nós fizemos. Se Humberto Lucena está pagando pela prática de um ato comum, que se revele o nome de todos que se valeram da gráfica para fins promocionais.

O GLOBO

Se existe convicção de que a anistia é justa, que se articule a votação com os partidos que integram, com o de Lucena, a base de apoio ao Governo.

Mas os senadores decidiram inovar. Filiados aos partidos majoritários, decidiram usar a obstrução, recurso das minorias, repito, pela simples razão de não terem conseguido sensibilizar as bancadas de seus próprios partidos na Câmara dos Deputados e, daí, querem envolver Fernando Henrique na discussão.

A chantagem, portanto, não é contra a Câmara, mas sim contra Fernando Henrique, cujo Governo, leia-se o Governo do Brasil, poderá amargar graves prejuízos pela demora na aprovação do presidente do Banco Central.

Agiram daquele modo para que o presidente intervisse junto aos partidos que lhe dão apoio e mandasse aprovar a anistia a Lucena, cujo exame se dará no dia 17 próximo, por força de dispositivo regimental. Como o projeto já tem data assegurada para votação, o que move os senadores não é mais a compreensível preocupação com o exame da matéria, mas sim o compromisso explícito com sua aprovação.

A rigor, Pêrsio Arida virou refém na sala de chá anexa ao Plenário do Senado, onde tão boas articulações já ocorreram em reuniões

08 JAN 1995

de nomes ilustres da Casa em torno de assuntos relevantes para o país.

Não me preocupo por Arida ou pelo Senado, que inicia vida nova em 1º de fevereiro. A preocupação é com a velocidade do acompanhamento da crise mexicana e ninguém melhor do que o presidente do Banco Central para fazê-lo, quer seja Arida, Gustavo Franco ou outro qualquer com as mesmas qualificações.

No plano ético, o temor é de que ao efeito tequila se suceda o efeito Orloff, com o México a nos dizer "eu sou você amanhã", quadro que mesmo à oposição é absolutamente indesejável.

Com ressalvas a muitos aspectos, alguns deles bastante relevantes, especialmente quanto às reposições de perdas salariais, estamos a convir que o programa econômico melhorou a qualidade de vida das pessoas.

Colocar o programa em risco, retardando os ajustes cambiais que já são examinados é ato de lesa-pátria incompatível com o mandato de senadores da República, que assumem o discurso neoliberal para o conjunto dos negócios do país, mas querem assegurar a sustentação parcial de suas campanhas com os recursos públicos da gráfica do Senado.

Miro Teixeira é deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro.